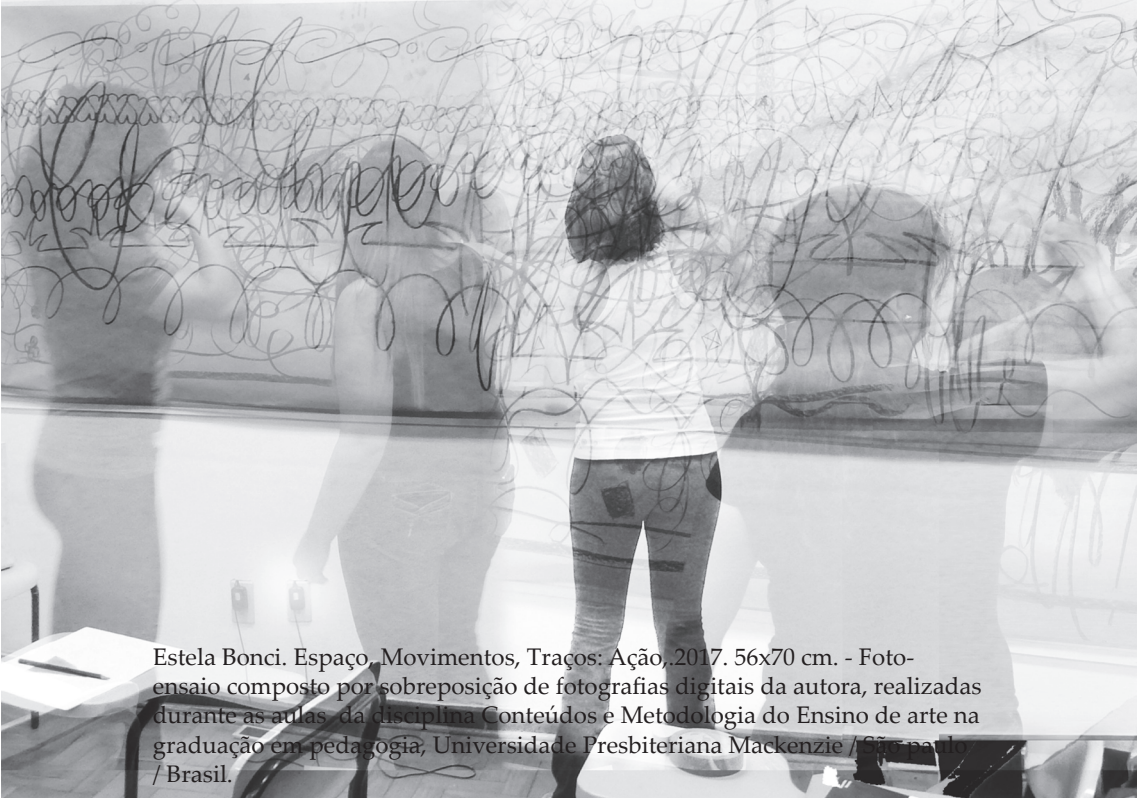


01

QUANDO A FÉ MOVE MOVE MONTANHAS, FRANCYS ALÿS E O ESPERANÇAR

MIRIAN CELESTE MARTINS



Estela Bonci. Espaço, Movimentos, Traços: Ação, 2017. 56x70 cm. - Foto-ensaio composto por sobreposição de fotografias digitais da autora, realizadas durante as aulas, da disciplina Conteúdos e Metodologia do Ensino de arte na graduação em pedagogia, Universidade Presbiteriana Mackenzie / São Paulo / Brasil.

Resumo

Ciente das múltiplas camadas potenciais para uma possível análise reflexiva sobre se ensino da arte está em perigo, o texto aponta a importância do contexto atual e, sem que saia do horizonte, abre uma brecha a partir do princípio que guiou a proposição de Francis Alÿs: *Quando a fé move montanhas* realizada em 2002 no Peru: “Máximo de esforço, mínimo resultado”. Oportunidade, experiência, processos colaborativos e a estreita relação entre arte e vida costumam as reflexões que valorizam a vivência poética, provocada pelo fazer ou pelo encontro com a arte, assim como a ação mediadora de artistas, curadores, gestores, pesquisadores e professores. Um enorme esforço com efeitos pouco visíveis, mas necessários e vitais.

Palavras-chave: Arte; Mediação cultural; Ensino de Arte; Experiência estética; Vivência poética;

Abstract: Aware of the multiple potential layers for a possible reflective analysis of whether teaching of art is a danger, the text points to the importance of the current context and, without departing from the horizon, opens a loophole from the principle that guided the proposition of Francis Alÿs: *When faith moves mountains* carried out in 2002 in Peru: “Maximum effort, minimum result”. Opportunity, experience, collaborative processes and the close relationship between art and life stitch together the reflections that value poetic experience, provoke by the act of to make and the encounter with art, as well as the mediating action of artists, curators, managers, researchers and teachers. A huge effort with effects that are barely visible, but necessary and vital.

Key-words: Art; Cultural mediation; Art Teaching; Aesthetic experience; Poetic livingness.

Quando a fé move montanhas, Francys Alÿs e o esperançar

Quando Richard Long realizou suas caminhadas no deserto peruano estava propondo um conceito contemplativo, mas se distanciava do contexto social. Quanto Robert Smithson construiu a *Spiral Jetty* em Salt Lake, estava convertendo a engenharia civil em escultura e vice-versa. Aqui, estávamos tentando uma espécie de *Land Art* para os “sem-terra” e, com a ajuda de centenas de pessoas e pás, construímos uma alegoria social. Este relato não é validado por um rastro físico ou um agregado à paisagem. É quase um processo de alquimia que converte um roteiro em uma ação, uma ação em uma fábula e uma fábula em um rumor, graças à multiplicação de seus narradores.

Francis Alÿs (2005 apud KONRATH, 2017, p. 177)

Uma alegoria social. É assim que Francis Alÿs concebe a sua intervenção épica: *Quando a fé move montanhas*¹ realizada no Peru em 2002, hoje pertencente ao acervo do MOMA – Museu de Arte Moderna em Nova York. Uma enorme desproporção entre esforço e efeito, considerada por alguns como uma metáfora da América Latina.

Alÿs visitou o Peru pela primeira vez em 2000, em meio a uma tensão social e emergente movimento de resistência frente ao contexto político conturbado provocado pelo ditador Fujimori. Dois anos depois, Alÿs reuniu 500 voluntários que, com pás e coragem, moveram poucos centímetros de uma grande duna na periferia de Lima.

“Máximo de esforço, mínimo resultado”. Este foi o princípio que guiou sua proposição e me guia em minha tentativa de resposta à questão chave deste livro: O ensino de arte está em perigo? É por ele que sigo pensando e aqui compartilhando.

Camadas potenciais em contexto

O ensino de arte está em perigo? Responder a pergunta que nos foi colocada é um enorme desafio, ainda mais num livro que tem o título de *Mediação: problemas e inovações*.

Por qual perspectiva responder já que são tantas as camadas potenciais para responder à questão?

Poderíamos traçar uma linha histórica sobre o ensino de arte, focalizando a formação erudita desde os tempos medievais que se dividia no *Trivium* - disciplinas de Retórica, Gramática, Lógica (dialética) e no *Quadrivium* – disciplinas de Aritmética, Música, Geometria e Astronomia. “Tais disciplinas clássicas eram chamadas Artes Liberais, dentre as quais se destaca a Geometria (ligada ao sexto céu de Ptolomeu, esfera de Júpiter), da qual se originou a inserção do Desenho no currículo laico, sendo este uma das tradicionais disciplinas das escolas modernas propagadas após a Revolução Industrial”, segundo Paola Zordan (2000, s/n).

Poderíamos buscar resposta em Comenius (1592-1670) e sua *Didática Magna* publicada em 1631 – um método universal de ensinar tudo a todos. Lá ele já avisava ao professor: “[...] antes de se pôr a instruir o aluno à força de regras, deve primeiro torna-lo ávido de cultura, mais ainda, apto para a cultura e, conseqüentemente, pronto a entregar-se a ela com entusiasmo.” (COMÊNIO, 1985, p. 173). O ensino de arte estaria em perigo se nossos dirigentes e colegas professores tivessem se entregue à cultura desde os seus tempos de escola?

Poderíamos dar um pulo na história e refletir sobre as políticas e as discussões da Base Nacional Comum Curricular recentemente editadas no Brasil? Ou nos debruçarmos sobre quais seriam os “conceitos de ensino de arte” que correm perigo. Aquele autoritário que impõe cópias; aquele que propõe trabalhos “livres” e que abandonam os alunos a permanecer no que já sabem; aquele que valoriza o estudante e

1 Veja imagens da obra disponível em: <<https://www.moma.org/collection/works/109922>>. Acesso em 20 maio 2018.

que acredita na potência de cada um que vive conosco um processo de aprendizagem?

Poderíamos nos voltar à reflexão sobre de que “arte” e de que “cultura” está em perigo... Ou um desvio para refletir propostas conectadas à potência do que tem sido denominado de giro educacional², um movimento que nasce de artistas e curadores?

Enfim, o desafio nos leva a pensar sobre muitas camadas potenciais para uma possível análise reflexiva. Entretanto, com a compreensão da importância de todos esses aspectos, os abandono sem que saiam do horizonte. Algumas palavras-valise piscam para mim ao pensar em possíveis respostas a tão encalacrada questão: oportunidade, experiência, processos colaborativos e a estreita relação entre arte e vida.

Olho para estas palavras pensando na sala de aula no curso de Pedagogia, nas aulas no Curso da pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura, nas bancas, nos congressos, nas reflexões junto aos grupos de pesquisa que lidero³, e também do que percebo nas instituições culturais, nas oportunidades de viagens e na interação com meus netos.

Que me perdoem os pessimistas, mas Paulo Freire (1967, p. 53) me coloca a caminhar:

Realmente não há por que se desesperar se se tem a consciência exata, crítica, dos problemas, das dificuldades e até dos perigos que se tem à frente. Aí é que a posição anterior de autodesvalia, de inferioridade, característica da alienação, que amortece o ânimo criador dessas sociedades e as impulsiona sempre às imitações, começa a ser substituída por uma outra, de autoconfiança. E os esquemas e as “receitas” antes simplesmente importados, passam a ser substituídos por projetos, planos, resultantes de estudos sérios e profundos da realidade. E a sociedade passa assim, aos poucos, a se conhecer a si mesma. Renuncia à velha postura de objeto e vai assumindo a de sujeito. Por isso, a desesperança e o pessimismo anteriores, em torno de seu presente e de seu futuro, como também aquele otimismo ingênuo, se substituem por otimismo crítico. Por esperança, repita-se.

Abandono um otimismo ingênuo e o recomponho como um oti-

² Preferimos traduzir *Educational Turn* por Giro educacional como fazem os espanhóis por considerar o termo giro mais dinâmico do que uma virada, assim como um pião.

³ Grupos de Pesquisa: GPAP/arte na Pedagogia e GPeMC: Mediação Cultural: provocações e contaminações estéticas do Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Para conhecer mais, convido para entrar no site: www.arte-pedagogia-mediacao.com.br

mesmo crítico, embora reconheça os tempos difíceis que atravessamos. Assumir-se como sujeito, gerar projetos e agir. Tentar pequenas mudanças em micropolíticas começando pelo que está ao nosso alcance. Uno-me à Francis Alÿs e penso na desproporção entre o máximo de esforço e o mínimo de resultado. E volto à pergunta com Freire e Alÿs...

A medida do encantamento

Em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as culturas, a arte está presente. Desde pequeno, o ser humano brincando explora o mundo à sua volta amalgamando o cientista e o artista presente em seu modo de estar no mundo. Basta olhar as crianças brincando em um tanque de areia ou à beira do mar para isto se confirmar. A materialidade se oferece gentilmente a todo o tipo de forma, seja com baldes ou com a água, com gravetos e pás. Criam bolos ou castelos, canais e estradas, em geografias e em arquiteturas inventadas. Mil histórias são ali vividas, em explorações solitárias ou coletivas

Esta força inventiva e criadora vai encontrando incentivos na vida cultural e escolar ou pode ficar amortecida. No momento que escrevo este artigo, está sendo veiculado um pequeno vídeo na Tv⁴ com uma campanha do Banco do Brasil na valorização dos seus Centros Culturais (CCBB) nas cidades do Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília e Belo Horizonte. A história é real. O menino de rua entra no CCBB no centro do Rio de Janeiro para matar sua sede. Foi recebido pelos funcionários, entre eles, a Dona Tânia que também lhe dava convites para assistir espetáculos. O menino foi descobrindo algo que já trazia em si mesmo. Hoje é diretor de teatro, artista plástico, professor.

O filme emociona porque traz uma bela história humana e humanizadora e nos dá a pensar com Manoel de Barros (2006): “Que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem barômetros etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós”.

Encantamento trazido por um lugar e algumas pessoas acolhedoras. Um lugar considerado um casarão pelos meninos, um prédio majestoso construído em 1906 para ser a sede da Associação Comercial do Rio de Janeiro na região central da mesma cidade. Diz Adilson no filme: “Eu olhava para aquele piso e parecia que eu não era digno de pisar naquele piso.” Este distanciamento inicial não é raro em outros tantos espaços. Célia Cristina Donato (2012), minha orientanda, se encantou também ao fazer sua pesquisa vivenciando processos de mediação em música com transeuntes que costumam se sentar nas escadarias do Teatro Municipal em São Paulo e que nada sabiam daquele lugar. Conversando, colocando músicas para que ouvissem, ela os aproxima da arte. Em sua pesquisa, Célia (M) pergunta ao seu entrevistado, um homem com 23 anos morador da periferia de São Paulo:

4 Vídeio de um minuto para a Tv disponível em: <<http://www.cultura-bancodobrasil.com.br/receptivo>> e o vídeio mais longo em que Adilson conta sua história, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=woZIX4d-zpH0>>. Acesso em 30 maio 2018.

M: Você gostou desse nosso encontro?

Si (m-23a-Guaianazes): Gostei. Eu tive informações do que eu não sabia. Já veio o interesse, e através de mim eu posso trazer muitas outras pessoas, aí vira uma corrente. [Trazer] Meus filhos também.

[...]

Talvez Si (m-23a-Guaianazes) chegue a conversar com outras pessoas sobre o que viveu nas escadarias do Teatro Municipal. Talvez, sentado em frente ao patrimônio ele se lembre do nosso encontro, e passe a olhar para o Teatro com *olhos de ver*. Leve seu filho, desempenhando o papel de pai mediador. E assim, me utilizando da metáfora de Si (m-23a-Guaianazes), posso imaginar meu entrevistado como um elo desta *corrente* mediadora.

Adilson, Célia e Si. Três histórias de encontros com a arte que se conectam a muitas outras histórias e descobertas. Vejo também o encantamento em meus alunos e alunas da Pedagogia em suas visitas. Eles e elas, que pouco frequentaram e frequentam espaços culturais, muitas vezes levam seus filhos ou outras crianças com quem realizam projetos de intervenção. Voltam entusiasmados e felizes, descobrindo outras realidades, que muitas vezes os fazem olhar também para a cidade. E as tarefas de uma disciplina em um curso de graduação pretende assim fazer um mergulho na vida. Novamente, a força inventiva e criadora, aproxima o ser cientista e o ser artista através do encantamento desmedido que modifica para sempre o seu/nosso modo de estar no mundo.

“Muitos comparam corretamente a obra de arte a uma bateria ou acumulador de energia que a dispende posteriormente. De forma idêntica, toda a vivência poética parece acumular energia para futuras ações, dá a essas ações um novo sentido e leva a ver o mundo com novos olhos”, diz Vigotsky (2001, p.343).

A vivência poética, provocada por um fazer ou pelo encontro com a arte, é uma acumuladora de energia, é um declanchar, um tirar a tranca, um libertar o olhar amarrado ao já conhecido para ver além. Um desaprender... um desaplanar, como diz Sousanis (2017, p.32) que escreveu sua tese com um texto visual: “Desaplanar é envolver múltiplos pontos de vista para, a partir deles, produzir novos modos de ver”.

Múltiplos pontos de vista e encontros com a arte, seja pelo fazer, seja pelo contato com as produções artísticas em suas diferentes linguagens são provocadas pelos artistas, pelos curadores, pelos gestores dos espaços culturais, pelos mediadores neste espaços, pelas famílias e pelos professores.

Louis Porcher já apontava há muito tempo (1982, p. 46) a responsabilidade esmagadora da escola:

Em matéria de sensibilidade não existe formação

de adultos, recuperação ou reciclagem com que se possa contar. Se a escola não empreender desde os primeiros anos de escolaridade, o trabalho de sensibilização estética que é necessário, inclusive através de audições sistemáticas de discos, apresentação sistemática de obras de artes plásticas, cinematográficas, etc, aqueles que não puderem beneficiar-se de um ambiente familiar favorável jamais sairão do analfabetismo sensorial e do consumismo embotado.

Não basta somente visitar exposições ou andar pela cidade com olhos atentos. Precisamos de interlocutores para ver mais, pois aprendemos no coletivo. Há professores e educadores em espaços culturais que sabem ouvir, dialogar, provocar um corpo mais sensível para viver *uma* experiência estética. *Uma* em itálico, pois é singular, pois somos afetados por ela no envolvimento cognitivo, afetivo e imerso em nossa própria vida (DEWEY, 2010), que nos atravessa (LARROSA, 2004).

Muitas histórias poderia contar aqui deste encontro feliz de estudantes com a vida plena de cultura e arte, como no pós-doutorado de Ronaldo Alexandre de Oliveira (2013) propondo fotografias do pequeno lugarejo onde os alunos habitavam e ampliando o olhar deles, não só para o lugar, mas para como outros artistas em tempos e lugares outros, também olharam para a vida do lado de fora da sala de aula. Ou como na tese de Estela Maria Oliveira Bonci (2018) acompanhando estudantes do curso de Pedagogia em suas descobertas com a arte e a cultura. Ou como na tese de Maria José Braga Falcão (2015) em que a “professora de Nada”, que nada parecia ensinar, faz aflorar a poética, por exemplo, de um domingo de sol guardado em pequenos frascos.

Cada vez mais o consumismo tem teimado em nos capturado. Cada vez mais as imagens são reproduzidas em nossos celulares, sem atenção ou cuidado, embora também registrem momentos de encontro com a natureza e com a cultura. Muitos visitam os museus, mas miram só as obras e não porque tudo está ali.

Se não oferecermos oportunidades àqueles que chegam até a nós com restrito acesso aos bens culturais de modo geral, se não ampliarmos o sensível olhar-pensante para o que pulsa na vida, se não houver de fato ações mediadoras - como as que foram vividas por Adilson, Si, as crianças do distrito de Irerê provocadas por Ronaldo, os alunos de Maria José em Sorocaba, os graduandos da Pedagogia entrevistadas por Estela em São Paulo - o ensino de arte estará realmente em perigo.

De encantamentos e estranhamentos

A lição emancipadora do artista, oposta a termo à lição embrutecedora do professor, é a de que cada um de nós é artista, na medida em que adota dois procedimentos: não se contentar em ser homem de um ofício, mas pretender fazer de todo o

trabalho um meio de expressão; não se contentar em sentir, mas buscar partilhá-lo. O artista tem necessidade de igualdade, tanto quanto o explicador tem necessidade de desigualdade. E ele esboça, assim, o medo de uma sociedade razoável, onde mesmo aquilo que é exterior à razão – a matéria, os signos da linguagem – é transpassado pela vontade razoável: a de relatar e de fazer experimentar aos outros aquilo pelo que se é semelhante a eles. (RANCIÈRE, 2002, p.104)

“Relatar e fazer experimentar aos outros aquilo que se é semelhante a ele”. Como artista, como um trabalhador consciente do que faz e como o faz, produz e se expressa no que faz e o partilha. Acontece o mesmo com aquele que ama o que faz e que partilha. Não é à toa que se emprega o termo “arte de” com o sentido de fazer bem aquilo a que se propôs.

Enquanto houver artistas, curadores, gestores, pesquisadores, professores, que partilham seus ofícios impulsionando arte e cultura como mediadores que criam oportunidades de acesso, geram espaços de acolhimento e interação, expandem o olhar, o ouvido, o corpo sensível, inventam possibilidades na irredutível crença na potência do outro de transformar o que é possível hoje para transformá-lo amanhã, na ação de esperar, como nos ensinou Paulo Freire, o ensino de arte não estará em perigo, porque estas pessoas resistirão sempre.

É preciso uma corrente mediadora, como falou Célia, rizomaticamente se espalhando pelas brechas da vida. Uma corrente mediadora e provocadora de encantamentos e também de estranhamentos capazes de impulsionar o repensar e viver experiências estéticas. Um enorme esforço com efeitos pouco visíveis, pois muitos dos que criam as leis não viveram experiências transformadoras e apenas sobrevivem em seus gabinetes.

Sem acreditar na potência nos sufocamos e isto não pode acontecer. Um otimismo crítico há de ser fomentado, pois a “fé move montanhas”, e isto depende de cada um de nós, como canta Ivan Lins (1999):

Depende de nós
 Quem já foi ou ainda é criança
 Que acredita ou tem esperança
 Quem faz tudo pra um mundo melhor

Depende de nós
 Que o circo esteja armado
 Que o palhaço esteja engraçado
 Que o riso esteja no ar
 Sem que a gente precise sonhar

Que os ventos cantem nos galhos
 Que as folhas bebam orvalhos
 Que o sol descortine mais as manhãs

Depende de nós
 Se esse mundo ainda tem jeito
 Apesar do que o homem tem feito
 Se a vida sobreviverá
 [...]
 Depende de nós
 Quem já foi ou ainda é criança
 Que acredita ou tem esperança
 Quem faz tudo pra um mundo melhor

Referências

Barros, M. (2006). *Memórias Inventadas: a segunda Infância*. São Paulo: Planeta.

Bonci, E. O. (2018). *Formação cultural e artística de estudantes de Pedagogia: constelações potenciais*. Tese de doutorado. Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP, Brasil. Disponível: <<http://tede.mackenzie.br/jspui/handle/tede/48>>.

Comênio, J. A. (1985). *Didática Magna*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Dewey, John. (2010). *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes.
 Donato, C. C. R. (2012). *Teatro Municipal de São Paulo: da percepção do patrimônio à experiência estética*. Dissertação de Mestrado, Universidade Presbiteriana Mackenzie. Disponível: <<http://tede.mackenzie.br/jspui/bitstream/tede/1853/1/Celia%20Cristina%20Rodrigues%20De%20Donato.pdf>>.

Falcão, M. J. B. (2015). *“A professora de nada”*. Na consciência da ausência uma presença possível: Arte no espaço e tempo do cotidiano escolar. Tese de doutoramento. Universidade de Sorocaba, SP, Brasil. Disponível: < http://educacao.uniso.br/producao-discente/teses/Teses_2015/maria-falcao.pdf>.

Freire, P. (1967). *Educação como prática de liberdade*. São Paulo: Paz e Terra.

Konrath, G. (2017). *Às vezes fazer algo poético pode se tornar político e às vezes fazer um ato político pode se tornar poético: a ocupação do tempo e do espaço na poética urbana de Francis Alÿs*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFGRS. Disponível: <https://issuu.com/germanakonrath4/docs/germana_konrath_dissertac__a__o__bai>.

Larrosa, Jorge. (2004). *Linguagem e Educação depois de Babel*. Belo Horizonte: Autêntica.

Oliveira, R. A. (2013). Encontro com o outro, formação, mediação, pesquisa e criação: possíveis entrelaçamentos. Tese de Pós-doutoramento, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP, Brasil.

Porcher, L. (1982). Educação Artística: luxo ou necessidade? São Paulo: Summus, 1982.

Rancière, J. (2002). O mestre ignorante – cinco lições sobre a emancipação intelectual. Belo Horizonte : Autêntica.

Sousanis, N. (2017). Desaplanar. São Paulo: Veneta.

Vigotsky, L.S. (2001). Psicologia Pedagógica. São Paulo: Martins Fontes.

Zordan, P. (2010). Percursos das Artes Visuais: geologia de uma disciplina. In: Anais 33^a ANPED – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. Disponível: <<http://33reuniao.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT24-6006--Int.pdf>>.